



**REDATOR PRINCIPAL**  
**ALEXANDRE VIEIRA**

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

**EDITOR** — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.<sup>o</sup>

Lisboa — PORTUGAL

Enderro telegórico: Talhado-Lisboa • Telefone 5833 C.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## COMO DEFENDER-NOS?

O carácter dos senhorios, a sua to, nem de leis, por muito que a capacidade ilimitada, os seus ma- justiça acompanhe e se segundo os nossos protestos. Sobre inquilino já os ministros mandaram fazer, e em S. Bento os aprovaram, elemento deserto, classificado e verberado pelo inquilinato. Inútil é portanto perder mais tempo a despejar na figura deslavada dos proprietários exploradores voca- bularios inteiros de nomes asperos. Os senhorios, que não vão com palavras, ficam na mesma e não mudam de tática. Continua- rão explorando como os judeus clássicos, cada vez mais vorazes, sanguessugas impiedosas a flagellar o inquilino o mais que podem. E' portanto ocioso perder mais tempo e mais espaço em descomponendas, justas sempre por muitos violentos que sejam, contra criaturas cuja consciência desapareceu, afogada na sede inextinguível do ouro.

O que importa, o que urge é combinar-nos, as vítimas, um plano eficaz de defesa, e revertermos da coragem e da persistência necessárias para levá-lo a cabo. Que fazer? Não queremos de maneira alguma ir caír nesses lugares comuns da tática revolu- cionária, rigorosamente verdadeiros aliás, mas já batais à força de repetidos e escutados. Que fazer? Por certo algo de mais energético que o das outras vezes se tem adoptado. Porque tentativas de resistência contra a voracidade dos senhorios temos esboçado já um ror das mesmas resultados apre- ciables. E todavia é evidente que um esforço combinado e simultâneo dos inquilinos, desde que fosse bem dirigido, poderia modificar sensivelmente a face das coisas.

Em vários países, particular- mente na Itália, tem o inquilinato reagido energicamente contra a ganância dos proprietários; e está ainda na memória de todos a greve de inquilinos há anos efectuada em Milão com extraordinária retumbância. Se em Portugal fizermos, e é absolutamente necessário que façamos, uma campanha decidida contra a exploração de que estamos sendo vítimas por parte dos proprietários, uma cou- devemos ter permanentemente em vista: é que nada há a esperar do governo, nem do parlamen-

to, nem de leis, por muito que a justiça acompanhe e se segundo os nossos protestos. Sobre inquilino já os ministros mandaram fazer, e em S. Bento os aprovaram, elemento deserto, classificado e verberado pelo inquilinato. Inútil é portanto perder mais tempo a despejar na figura deslavada dos proprietários exploradores voca- bularios inteiros de nomes asperos. Os senhorios, que não vão com palavras, ficam na mesma e não mudam de tática. Continua- rão explorando como os judeus clássicos, cada vez mais vorazes, sanguessugas impiedosas a flagellar o inquilino o mais que podem. E' portanto ocioso perder mais tempo e mais espaço em descomponendas, justas sempre por muitos violentos que sejam, contra criaturas cuja consciência desapareceu, afogada na sede inextinguível do ouro.

O que importa, o que urge é combinar-nos, as vítimas, um

ÓDIO DE AUTORIDADE  
O Centro Comunista

DE  
Viana-do-Castelo

VIANA-DE-CASTELO, 5. — P.— O secretário geral do Centro Comunista, camarada António Vidal, escreveu há tempos para a *Batalha* uma carta em que dizia que o comissário de polícia, por ser presidente da Câmara, usava servir-se do seu lugar, para comprar na administração do concelho galinhas, das que eram apreendidas às contrabandistas, que depois mandava vender ao mercado por preços ele- vados, havendo testemunhas oculares desse facto.

Por este motivo, o ódio reservado daquela autoridade ao camarada Vidal, e que estraviam sobre o Centro Comunista, que nata tem com casos puramente individuais. E isto constata-se mais ainda, porque indo na quinta-feira, uma comissão de seis operários governador civil reclamaram a abertura do Centro, o camarada Vidal, que dela fazia parte, viu-se forçado a reproduzir aquela autoridade a falta do comissário para rebater o *cumpridor das leis*, como a autoridade superior o apresentava.

Uma hora depois, o comissário apa- cheu bem as portas falsas adrede em casa daquela camarada, fazendo um grande escarcéu, insultando-o, ameaçando-o, dizendo que era o Manuel Félix, etc. Juntou-se muito povo e a certa altura o sr. dr. Manuel Félix disse para um criado da sua propriedade que o acompanhava:

— Vá-se embora. Já não é preciso mais!

Isto é significativo. Ora este barulho era por causa da carta, à que nos referimos, e o camarada Vidal disse-lhe que provasse o contrário que desmentiu a notícia, não respondendo a isso o sr. dr. impondo-lhe, porém, a obriga- ção de apresentar o jornal que a publicava no prazo de 24 horas, de contrário cortava-lhe a cara!

Ontem foi uma comissão da direcção da Casa do Povo Vianense reclamar também a abertura da sua sede, onde o Centro está instalado. O sr. comissário repetiu àquela comissão os insultos da véspera, com as mesmas ameaças.

Falando a comissão da Casa do Povo com a autoridade superior do distrito, esta impôs-lhe que expulsasse de sua casa, o Centro Comunista para lhe abrir a sede em 24 horas, compromisso que foi por ela perfilhado, especialmente por um dos seus membros.

E assim, o comissário, com o apoio de outras criaturas, como se vê, consegue encerrar um Centro onde a instrução era uma das suas principais bases, como toda a gente sabe.

Infelizmente, o ódio daquelas que se dizem inteligentes, é grande aos que procuram instruir-se.

### O caso Alfredo da Silva

Reuniu a assembleia extraordinária do Grupo Republicano Anti-clerical 5 de Outubro, a fim de apreciar a marcha do movimento e sua orientação sobre o incidente Peres Trancoso-Alfredo da Silva. Usaram da palavra vários oradores que atacaram a acção do sr. Alfredo da Silva, considerando-a nefasta para o país.

Concedida a palavra ao sr. Celestino de Vasconcelos, presidente da comissão política do Grupo, relata todos os trabalhos e *démarches* levados a efeito, juntamente com os grupos de Defesa da República, no intuito de evitarem possíveis benevolências das altas influências políticas para com o referido industrial; ataca com grande violência todos aqueles que se ergueram para defender o sr. Alfredo da Silva, que o considera um inimigo fidalgo da república e um traidor ao seu país; protesta contra a liberdade de comércio, afirmado que só será possível num país de homens honestos e criteriosos, e não em Portugal, onde todos os comerciantes teem feito fortunas fabulosas, escarnecendo das classes mais desprotegidas, explorando-as criminosamente. Salienta a obra do sr. Peres Trancoso, e espera que para prestígio da República castigue todos aqueles que não cumpram as leis do país. Referindo-se à acção do Grupo 5 de Outubro, pede para que continuem na luta contra a reacção clerical e contra os assimbardeiros, dois poderosos inimigos que é preciso extinguir custe o que custar.

Apoiado por toda a assembleia, é concedida a palavra ao sr. Martinho Gomes, propondo que o Grupo se conserve em sessão permanente até resolução do incidente.

O sr. Celestino de Vasconcelos pro- põe ainda que o Grupo realize conferências de propaganda anti-clerical e que seja convidado o tenente Machado Toledo a dar inicio no próximo dia 13.

### Nova cooperativa

A Junta de Freguesia de Santa Cruz do Castelo, em reunião efectuada no dia 25 de Fevereiro, aprovou, por proposta do vogal Joaquim Maria da Silva, as bases para a organização dumha cooperativa de produção e consumo, afim de melhorar tanto quanto possível, a vida aos seus paroquianos.

Estes cursos foram criados para elevar o nível dos conhecimentos técnicos dos operários nas próprias empresas onde trabalham.

Para espalhar através da Rússia os princípios de instrução profissional, foram publicados vários artigos em forma de calendário.

O bureau central de educação social que dirige todo o ensino próprio, convocou uma conferência de inspetores escolares, que durou todo o mês de Janeiro.

Tendo aparecido uma nova lei sobre a comissão encarregada da tutela dos mineiros culpados de delitos, o comissariado da instrução pública organizou um curso para preparar o pessoal reclamado por estas comissões. Já existem cursos especiais para irmãos e irmãs da assistência social que exercem as suas funções nas casas das crianças moralmente anomais e nos recolhimentos de menores. A desmobilização de numerosos mineiros necessitou igualmente, da formação de comissões que compreendem representantes da instrução pública e da Liga da juventude comunista, para receber esses mineiros e enviá-los às escolas profissionais, dominios soviéticas e estabelecimentos de educação social.

### Assassinatos legais

GRANADA, 6.—Dentro de alguns

tempo serão fusilados os ciganos que há

tempo desarmaram uns guardas ci- vicos. — *Rádio*.

## O Congresso Internacional

### DOS Trabalhadores de Transportes

Realizar-se há em Genebra nos dias 18 de Abril e seguintes

No próximo dia 18 de Abril inaugura-se há em Genebra o Congresso Interna- cional dos Trabalhadores de Trans- portes. Na mesma cidade e no mesmo

mês realizar-se hão também conferen- cias internacionais dos Trabalhadores de Transportes, dos Ferroviários e dos Trabalhadores de Mar.

O Congresso Internacional realizado em Cristiania no ano findo, continuado em Amsterdam (Abril de 1919) com representantes de algumas organizações inge- sas, alemãs, belgas e holandesas, ins- fluíu uma nova vida à Federação Interna- cional dos Trabalhadores de Trans- portes. (I. T. F.) agora reconstruída.

Durante o ano decorrido depois do Congresso da Cristiania, a I. T. F. des- envolveu-se a ponto de ser hoje o se-cretariado profissional internacional mais poderoso, contando aproximadamente três milhões de membros.

De facto, os trabalhadores de transportes provaram, com o seu boicote à Hungria, onde se massacravam trabalhadores, e com a suspensão do transporte de municões destinadas à Polónia, que atacava a Rússia dos Sóvietes — prova- rão que a International dos Transportes não só é forte sob o ponto de vista do número, mas que também está animada de vontade e do espírito proletário e internacional.

O Congresso Internacional de Genebra vai finalmente elaborar e establecer os fins a atingir e indicar o caminho e os meios que deverão adoptar-se. Na sua ordem do dia estão indicados problemas importantíssimos que re- peitam os interesses dos operários de trans- portes do mundo inteiro, como a segui- rão de cima de 24 horas, de contrário cortava-lhe a cara!

Ontem foi uma comissão da direcção da Casa do Povo Vianense reclamar também a abertura da sua sede, onde o Centro está instalado. O sr. comissário repetiu àquela comissão os insultos da véspera, com as mesmas ameaças.

Falando a comissão da Casa do Povo com a autoridade superior do distrito, esta impôs-lhe que expulsasse de sua casa, o Centro Comunista para lhe abrir a sede em 24 horas, compromisso que foi por ela perfilhado, especialmente por um dos seus membros.

E assim, o comissário, com o apoio de outras criaturas, como se vê, consegue encerrar um Centro onde a instrução era uma das suas principais bases, como toda a gente sabe.

Infelizmente, o ódio daquelas que se dizem inteligentes, é grande aos que procuram instruir-se.

• • •

### Sobre as raças oprimidas

O presente Congresso da Federação Internacional dos Trabalhadores felicitou os trabalhadores pertencentes às raças oprimidas, pelo seu desejo, cada vez mais manifesto, de se integrarem no movimento sindical. Declara que todos os esforços das raças de cõr na sua luta para se emanciparem da dominação do imperialismo e do capitalismo, devem ter uma repercussão favorável sobre a situação dos trabalhadores dos países ocidentais e convida estes últimos a apoiar tanto quanto possam os referidos esforços. Sendo de parecer que a elevação do nível social e de condição dos menor-salariados é necessária para manter o nível social do trabalho organizado de todos os países, o presente Congresso exorta todos os trabalhadores a despresar as barreiras de raça e de religião utilizadas no mundo capitalista para dividir os trabalhadores e escravizá-los. O Congresso exorta os a fazer quanto estiver nas suas posses, resistindo ao mesmo tempo à concorrência do trabalho insuficientemente retribuído, fornecendo peças de cõr e pelas da Ásia, para elevar o nível dos representantes das raças oprimidas e para se unir com eles no intuito de destruir no mundo inteiro o jugo das classes dominantes.

(Apresentado pela "National Transport Workers Federation", Grã-Bretanha).

### Sobre a propriedade colectiva dos meios de transporte

O presente Congresso da I. T. F., convocado que os transportes e comunicações livres são duma importância essencial para os povos de todos os países, declara-se por esta moção partidária da propriedade colectiva dos meios de transporte: estradas, carreiras, ar e água, assim como dos meios auxiliares da produção: produção de luz, calor, força motriz, etc. O Congresso declara-se além disso partidário do controlo destes meios de transporte e indústrias auxiliares, controlo que será exercido conjuntamente pelo Estado ou municipalidades e pelas organizações operárias.

(Apresentado pela "National Transport Workers Federation", Grã-Bretanha).

### Sobre o livre-câmbio

O presente Congresso da I. T. F., convocado que os que os transportes e comunicações livres são duma importância essencial para os povos de todos os países, declara-se por esta moção partidária da supressão de todas as restrições dessa natureza, da instituição universal do livre-câmbio para favorecer assim a troca de mercadorias em bruto e para prevenir os monopólios artificiais, e no intuito também de estabilizar os preços e de suprir os factores económicos que favorecem a guerra comercial, a ditadura do bloco sistemático à Hungria ameaçaram sensivelmente os rigores do Terror Branco dirigidos contra os operários da Rússia dos Sóvietes;

saída as organizações que, por motivo do bloqueio sistemático à Hungria ameaçaram sensivelmente os rigores das pautas, e o militarismo. (Apresentado pela "National Transport Workers Federation", Grã-Bretanha).

### Sobre a reacção e o militarismo

O presente Congresso da Federação Internacional dos Trabalhadores de Transportes, convocado que as restrições artificiais das tarifas protecionistas, embargos, verificações e proibições, atingindo a livre troca de mercadorias entre os diversos países diminuem as probabilidades de trabalho para os operários de transportes, declara-se por esta moção partidária da supressão de todas as restrições dessa natureza, da instituição universal do livre-câmbio para favorecer assim a troca de mercadorias em bruto e para prevenir os monopólios artificiais, e no intuito também de estabilizar os preços e de suprir os factores económicos que favorecem a guerra comercial, a ditadura do bloco sistemático à Hungria ameaçaram sensivelmente os rigores do Terror Branco dirigidos contra os operários da Rússia dos Sóvietes;

saída as organizações que, por motivo do bloqueio sistemático à Hungria ameaçaram sensivelmente os rigores das pautas, e o militarismo. (Apresentado pela "National Transport Workers Federation", Grã-Bretanha).

### C. G. T.

#### Conselho Confederal

Para continuação dos trabalhos pendentes da sessão anterior, reúne hoje o Conselho Confederal, às 21 horas, com a presença do advogado do Conselho Jurídico.

• • •

### Partido Comunista Português

Conforme tinhamos anunciado, efectuou-se ontem, na Associação dos Empregados de Escritório, a nomeação dos corpos administrativos, tendo também a comissão elaboradora das bases, realizar uma sessão de propaganda, mas não se efectuou porque a participação que foi entregue ao governador civil não chegou a ser deferida, devido a estar demissionário, e o comandante da polícia não querer tomar a responsabilidade.

Aberta a sessão, foi apresentada, por Nascimento Cunha, a lista dos camaradas que em sua opinião deviam constituir os corpos administrativos, o que a assembleia aprovou por unanimidade, sendo encerrada por entre vivas ao P. C. P., à C. G. T., e outras agravações avançadas.

• • •

### As ideias bolchevistas...

LONDRES, 6.—Informam de Buenos Aires que o sr. Carlos, chefe dos serviços postais da Argentina foi assinado por um telegrafista de ideias bolchevistas. — *Rádio*.

• • •

## A arte e os artistas

As meninas «Sois» — A exposição de A. de Faro e o que o sr. Colares Pereira não disse

Nestes últimos anos as exposições tem a ideia de superstição do número, que a não temos porque o n.º 13 é fracinho de técnica e ostenta uns tons oleográficos que lhe vão muito mal. O 46, *Doca de Alcântara*, com os seus barquinhos amaneirados, com a cõr des-testável, poderia ter ficado em casa também.

E agora vamos ao que importa. O sr. Faro expõe paisagem e expõe marinhas. As paisagens são mais fracas do que as marinhas. Há na sua exposição maior percentagem de paisagens más, do que de marinhas que não prestem.

Prova isto que o sr. Faro

**CONGRESSO NACIONAL METALÚRGICO****Intensificação e desenvolvimento da Metallurgia Nacional pela introdução da siderurgia no País**

(A discutir no Congresso Nacional da Indústria que se efectuara em Tomar, no mês de Abril)

A metalurgia é a base de todo o progresso material da humanidade. O progresso e a prosperidade dos povos estão na razão directa do desenvolvimento da indústria da metalurgia. Sem a metalurgia, as artes e as indústrias não teriam atingido o grau de desenvolvimento e perfeição que presentemente tem.

Sem a indústria do ferro e aço o homem viveria ainda como nos tempos primitivos, utilizando-se de tascas e pesadas ferramentas talhadas em pedra.

O ferro e aço, que são incontestavelmente os metais de maior utilidade industrial, tem aplicação em todas as indústrias.

De ferro e aço são a enxada e a charra com que cavamos e lavramos a terra que nos fornece a alimentação; de ferro e aço são os caminhos de ferro e as locomotivas que nos conduzem facilmente através da terra; de ferro e aço são os transatlânticos que nos trans-

portam sobre os mares a regiões longínquas e desconhecidas; de ferro e aço são os prelos que imprimem os livros e jornais onde nos educamos e ilustramos; de ferro e aço são as armas com que o povo em todas as épocas tem defendido a liberdade; de ferro e aço é a pena com que nós escrevemos estas despretensiosas linhas que são apenas a manifestação sincera e conclucente de quanto nos interessa o desenvolvimento da nossa indústria...

E' pelo consumo do ferro e aço que se avalia o progresso industrial de qualquer país.

A sua utilização tem aumentado progressivamente de ano para ano. Construções que eram feitas de madeira e algumas de alvenaria passaram a ser feitas de ferro e aço.

O consumo do ferro e aço é a manifestação sincera e conclucente de quanto nos interessa o desenvolvimento da nossa indústria...

E' quanto mais descobertas científicas os homens fizerem, tanto maior será a aplicação do ferro e aço.

**A questão corticeira**

III

**Monopólio da produção e fabricação**

As corticás portuguesas são geralmente dotadas das melhores qualidades para o fabrico da rolha, e por esse motivo são procuradas, com empenho, por todos os países do mundo, onde a indústria de fabricação da rolha se tem aperfeiçoado e desenvolvido, como na Alemanha, na Inglaterra, na França e mesmo na Espanha.

Cincinato da Costa (*Catálogo da secção portuguesa na exposição do Rio de Janeiro, 1908*).

E' incontestável que temos sobre todos os outros produtos a vantagem de que só os outros, e não nós, temos a oportunidade de aproveitar, visto termos a fabricação dispersa e mal cuidada, sequência lógica dum desenfreada especulação mercantil que dia a dia se vai acentuando e agravando.

Dessimilhada por todas as regiões do país, com a sua fabricação entregrada a uma maioria sem escrúpulos, a indústria corticeira não está devidamente nacionalizada nem tem condições de vida própria e independência.

Se bem que a produção se estenda a todas as regiões, as mais notáveis no norte, são, nos distritos de Viseu, Guarda e Castelo Branco, no centro dos distritos de Portalegre, Santarém e Lisboa, e no sul, nos distritos Evora, Beja e Faro, sendo os distritos do sul os que mais produzem e onde se encontram as mais apreciados e procurados.

A fabricação acentua-se no norte em Lamas da Feira, Porto e Castelo Branco, no centro em Portalegre, Abrantes, Entroncamento, Lisboa, Camarujos, Seixal, Barreiro, Moita, e Aldeia Galega; no sul em Estremos, Móra, Azurara, Evora, Vendas Novas, Santiago do Cacém, Sines, Silves e Faro, havendo porém muitas outras fábricas espalhadas por diversas terras do país, onde começa a desenvolver-se a fabricação, tais como Coruche, Montemor-o-Novo, Santarém, Grândola, Odemira e outras cuja designação não importa, por só funcionarem em determinada época do ano.

Em todos os centros de fabricação a corticeira tem sido objecto dum largo, mas mal cuidada exploração, concorrendo para isto a facilidade encontrada por todos os individuos que se dedicam a este ramo de comércio.

A corticeira inferior das nossas corticás nos mercados estrangeiros é um reflexo do que acima avançamos e em grande parte devido às muitas ofertas em relação à procura, concorrendo para a sua desvalorização o processo adoptado por muitos industriais, falsificando marcas e rebaixando determinadas qualidades de corticás preparadas.

Ora tendo nós mercados seguros para a sua colocação, qual a razão porque se não há de restringir a fabricação, concentrá-la, para equilíbrio da nossa balança exportadora?

Fernando Simões PEREIRA

**Congresso cooperativista**

Desde 1919 que a fabricação de rochas no país tomou desordenado incremento e é dominante dêsse ano o desequilíbrio de compras e vendas a que uma dúzia de aventureiros sujeitaram a fabricação nacional.

Temos, pois, que procurar um meio que contrabalance a ação especulativa de alguns agentes, orientando a fabricação e promovendo as vendas por um outro processo mais vantajoso, tanto para a nação como para os directamente interessados na questão, e este meio só o encontramos na formação de um monopólio. Este monopólio deve constituir-se, exclusivamente, com capitais nacionais e nêles devem ser integrados e interessados os lavradores por quem os actuais detentores da produção e ainda por, naturalmente, formarem o eixo giratório de todo o desenvolvimento industrial.

Os capitais nacionais que últimamente se lancaram nas especulações bancárias e de seguros podiam ter um aproveitamento prático se derivasse para a indústria corticeira, promovendo a sua nacionalização e desenvolvimento em bases estáveis, que teriam como consequência imediata a regularidade do abastecimento exterior e interno e a morte do intermediário estrangeiro que apenas cuida em exportar as nossas corticás, ligeiramente preparadas, para o seu país de origem. Terímos então uma segurança absoluta nos nossos destinos porque a indústria concentrada e monopolizada, adoptando a mecânica moderna para seu maior desenvolvimento, era penhor segura da nossa preponderância e preferência em todos os mercados do mundo onde os nossos artigos fossem chamados à concorrência.

Para efeitos de fabricação, o país

Não julguem, porém, que, se essa aplicação tomar umas proporções tais a ponto de tudo ou quasi tudo ser feito de ferro e aço, os minérios ferríferos nos venham a faltar. Não! A natureza é prodigiosa. A Terra confere ao seu solo todos os elementos que são necessários para dar largas a todas as violências do engenho humano. Os homens é que não sabem ou não querem aproveitá-los.

O minério ferrífero é o mais abundante e difundido na natureza. Há ferro em toda a parte: tanto no reino mineral, como no reino vegetal e no reino animal.

A sua descoberta e a arte de o iraibalhar remontam a épocas muito remotas. De ferro e aço são as armas com que o povo em todas as épocas tem defendido a liberdade; de ferro e aço é a pena com que nós escrevemos estas despretensiosas linhas que são apenas a manifestação sincera e conclucente de quanto nos interessa o desenvolvimento da nossa indústria...

E' pelo consumo do ferro e aço que se avalia o progresso industrial de qualquer país.

A sua utilização tem aumentado progressivamente de ano para ano. Construções que eram feitas de madeira e algumas de alvenaria passaram a ser feitas de ferro e aço.

O consumo do ferro e aço é a manifestação sincera e conclucente de quanto nos interessa o desenvolvimento da nossa indústria...

E' quanto mais descobertas científicas os homens fizerem, tanto maior será a aplicação do ferro e aço.

zido pelos miúdos dos jazigos ferríferos do país, empregando-se como combustíveis a cepa e as madeiras das florestas nacionais.

As ferrarias da Foz de Alge, no distrito de Leiria, que já tinham funcionado em tempos distantes, foram restauradas em 1803, para o que o Estado contratou um alemão, o barão Escher, como inspector das minas de ferro e director das mesmas ferrarias que funcionaram com pequenas interrupções até o ano de 1835.

Em 1875 pensou-se em aproveitar os grandes jazigos ferríferos de Moncorvo para o estabelecimento da siderurgia no país; porém, como nessa época a produção de uma tonelada de ferro consumia duas toneladas de carvão, o que tornava a exploração um pouco dispendiosa, e, como o consumo de ferro no país não dava para a elaboração dum grande estabelecimento siderúrgico, que desse suficientes lucros, a ideia foi posta de parte e esses minérios não foram aproveitados, como mandava a boa lógica que o fôssem. Além desta tentativa outras mais recentemente têm sido feitas, tanto tempo de monarquia como no da república. Todas, porém, tem falhado.

Alegando-se que os minérios ferríferos e carvões nacionais são de teores baixos e de pouca potência calorífica, não tem havido argumentos e obstáculos, por mais pueris e insubstanciais que sejam, que não tenham apostado à implantação da siderurgia no país.

E, contudo, prega-se ao quatro ventos, muito patrióticamente, a impetuosa

necessidade do ressurgimento económico e financeiro nacional.

Hipócritas!... Farçantes que só tratam dos seus interesses imediatos e ilegítimos, abandonando completamente os interesses do povo, menosprezando os interesses do todo a colectividade!

Portugal, que é um país de imensas e variadas riquezas naturais, se chegou à aviltante e insuportável miséria em que se encontra, deve-a à incuria e inépcia dos governantes, que só tem tratado

o período de 50 anos.

E' um país com condições económicas para se libertar eficazmente da deprimente tutela do estrangeiro e no entanto não se libera. E não se libera por que a isso se opõem os interesses de algumas empresas e de alguns capitalistas.

Mas é mister que se liberte—ainda que para isso tenhamos de passar por cima de todos esses capitalistas.

E' preciso, pois, para a emancipação económica de Portugal, a introdução da siderurgia no país.

Portugal possui, como mais adiante demonstraremos—minérios ferríferos, carvões e fundentes suficientemente capazes para a fabricação de ferro e aço.

Além disso, se a hulha preta e os minérios ferríferos de teores ricos em ferro, forem insuficientes para a elaboração de altos fornos, temos a hulha branca para aproveitamento dos minérios de teores baixos pelo moderno processo dos fornos eléctricos, hoje empregados em grande escala na fabrica de ferro e aços de diferentes qualidades, e que dão aos metais um

grau de pureza que os altos fornos lhes tapudem dar.

Na mbém temos a hulha verde e a hulha azul. Riquezas naturais não nos faltam. O caso é que saibamos ou queiram aproveitá-las!

Neste ponto não só não estamos muito mais atrasados de que os nossos antepassados, como também somos inferiores aos pretos do sul do Nyassa, na África Central portuguesa, os quais fabricam quase todo o ferro para o consumo da Zambézia, aproveitando

limões—em fornos primitivos e grosseiros. «O minério é deitado no forno encamado com carvão vegetal e a combustão activada pelo sopro de uma porção de foles de pele de cabrito. Nada mais prático e simples.

E' certo que é um processo muito rudimentar e anti-económico, porque consome muita combustível e não aproveita bem os minérios; mas o que fãm não é menos certo é que éles, os pretos do Nyassa, fabricam ferro e nôs, os portugueses, não o fabricamos, nem por este processo, nem por qualquer outro mais moderno e aperfeiçado.

Mas podemos e devemos fabricar,

para que possamos intensificar e desenvolver a metalurgia nacional, e como consequência imediata o incremento das outras indústrias.

nos, com os modernos processos de

ciência positiva, da ciência aplicada,

não somos capazes de os produzir.

Isto atesta bem a nossa incapacida-

de, o nosso atraso.

Neste ponto não só não estamos muito mais atrasados de que os nossos antepassados, como também somos inferiores aos pretos do sul do Nyassa, na África Central portuguesa, os quais fabricam quase todo o ferro para o consumo da Zambézia, aproveitando

limões—em fornos primitivos e grosseiros. «O minério é deitado no forno encamado com carvão vegetal e a combustão activada pelo sopro de uma porção de foles de pele de cabrito. Nada mais prático e simples.

E' certo que é um processo muito rudimentar e anti-económico, porque consome muita combustível e não aproveita bem os minérios; mas o que fãm não é menos certo é que éles, os pretos do Nyassa, fabricam ferro e nôs, os portugueses, não o fabricamos, nem por este processo, nem por qualquer outro mais moderno e aperfeiçado.

Mas podemos e devemos fabricar,

para que possamos intensificar e desenvolver a metalurgia nacional, e como consequência imediata o incremento das outras indústrias.



Nao me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, e por um preço baratinho, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e duma sólida capacidade de resistir a todos os vasos.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês do Alegrete, 54-51

LISBOA

Senhora oferece-se aos dama-  
ra costura e serviços.  
Trazer rua Correia Teles, 24, 1-  
D. Informações.

Quarto precisa-se para casa  
Dores.

Emilia do Sacramento

AGRADECIMENTO

Manuel António Alegrete, seus irmãos e demais pessoas de família veem por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam sua estrada.

Aos Ferroviários da Companhia Portuguesa

Hipólito & Artur da Silva com alfaia na sua casa do Maréchal Saldanha, 22 e 24, no Calhariz, participam aos ex-empregados que sendem formosos os mesmos compa-  
nhia esperam receber os suas estimadas ordens, o que muito agradecem.

Damião & C. Especialidades em fatos,

vestidos e chapéus para  
femininas

57, Rue Garrett, 59

LISBOA

Telephone 2940

América do Norte, Brasil, Argentina, colônias e Europa

Tratam-se de documentos pa-

ssaportes e passagens em quaisquer classe, com a maior brevidade de para todas as pessoas.

GABRIEL LUIS, agente habilitado—RUA DE S. JULIÃO, 142, I.—LISBOA.

A Rapaziada!!!

As valentes e pérulas!



Botas de vireia branca para ho-  
mens, de 1 a 209750.

Botas de vireia branca de 2 a 186750.

Botas pretas, 2 sozinhas a 186750.

Botas pretas, 2 sozinhas a 23750.

Botas de calif, forma ame-  
ricana, 1 sola, preço réclame a 23750.

Sapatos para senhora a 11500,

12500, 13500.

Sapatos em pelica verniz para  
senhora, salto à Luis XV, a 15000.

Fornecedores dos empregados

dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sueste e da Co-

mo de Notícias.

SAPATARIA S. ROQUE

16 Largo Trindade Coelho, 17